CAMPEANDO POR OUTRAS INVERNADAS: INOVAÇÕES CULTURAIS E A DINÂMICA RITUAL DOS TRADICIONALISTAS GAÚCHOS EM BRASÍLIA.[1]

PATRICIA SILVA OSÓRIO
Universidade de Brasília (UnB)

Georg Simmel aponta como traços típicos da vida metropolitana a reserva, o anonimato, a antipatia, distâncias e aversões (SIMMEL, 1976, p. 17-18). Tais "formas elementares de socialização da atitude mental da vida metropolitana" não impedem a formação de agrupamentos sociais sustentados em crenças e valores sociais compartilhados. "O individualismo moderno, metropolitano, não exclui, por conseguinte, a vivência e o englobamento por unidades abrangentes e experiências comunitárias" (VELHO, 2005, p. 263). O Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) é um bom exemplo da "conciliação" entre traços típicos da vida metropolitana e a vinculação do indivíduo a unidades coletivas capazes de propiciar experiências comunitárias.

Os Centros de Tradições Gaúchas (CTG) têm como objetivos o resgate e a vivência de tradições e hábitos existentes ou que já existiram na região da Campanha Gaúcha. Fundadas inicialmente no Rio Grande do Sul, as entidades tradicionalistas propagaram-se por diferentes estados brasileiros, atingindo, até mesmo, alguns países como Portugal, Japão e Estados Unidos. Além de fornecerem a vinculação a unidades coletivas, tais instituições são casos exemplares da valorização do tradicional em contextos urbanos. As situações e móbiles gerados pelo tradicionalismo gaúcho impõem novos elementos para a análise da recriação da tradição na modernidade.

A partir da análise de um CTG localizado em Brasília, este artigo abordará os "jogos de intenções" e a construção de imagens inseridos no

1. Este artigo foi construído com base em alguns capítulos de minha tese de doutorado defendida no ano de 2005 na Universidade de Brasília, intitulada "Modernos e rústicos: tradição, cantadores nordestinos e tradicionalistas gaúchos em Brasília".

processo de resgate da tradição. Lançando mão de um relato etnográfico e priorizando a dinâmica ritual de uma entidade tradicionalista, procuro investigar a forma como a tradição é acionada no projeto de construção de um grupo e de um tipo regional, o gaúcho, assim como atentar para a mobilidade e a fluidez das "fronteiras" entre tradição e modernidade.

Uma charla inicial: CTG, tradição e modernidade

Os Centros de Tradições Gaúchas são entidades sem fins lucrativos que se propõem a cultuar manifestações culturais consideradas tipicamente "gaúchas". Seus freqüentadores dizem-se *tradicionalistas* ou *simpatizantes das causas tradicionalistas*. Ser tradicionalista pressupõe o compartilhamento de certas noções e comportamentos.

Os valores cultuados pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho fazem referência a um passado que teria existido no sudoeste do Rio Grande do Sul: a Região de Campanha. As condições de vida dessa região são o arcabouço simbólico do Movimento. A dinâmica dos Centros de Tradições Gaúchas está baseada no modelo da estância, ou seja, das grandes fazendas destinadas à pecuária. O presidente das entidades tradicionalistas é chamado de *patrão*, alusão ao dono da estância; e os homens que a freqüentam, *peões*, menção aos trabalhadores braçais da fazenda. Decorando o cenário dos CTG, vemos objetos que remetem ao contexto rural da região: laços, arreios, carro de boi e quadros com gravuras dos vastos campos da Campanha Gaúcha e cenas da Revolução Farroupilha.[2]

O resgate do universo rural da Campanha Gaúcha encontra-se institucionalizado em atas, regulamentos e outros documentos das entidades tradicionalistas. Por exemplo, nos CTGs existe uma espécie de edital que versa sobre as normas exigidas para um indivíduo tornar-se *peão*. Pelo edital

2. Rebelião sustentada por estanceiros gaúchos, ocorrida no Rio Grande de Sul entre os anos de 1835 e 1845. Os revolucionários almejavam a independência política em relação ao país. O "centro" era acusado de má gestão do dinheiro público, de realizar gastos supérfluos e de onerar o Rio Grande do Sul com impostos, sem indenizá-lo pelos danos sofridos (PESAVENTO, 1982, p. 38-39).

da Federação Gaúcha do Planalto Central,[3] o regulamento do "Concurso de Peões" diz que o "candidato" precisa passar por uma série de provas. Dentre elas está a *Prova Campeira*, em que o futuro peão deverá estar apto a charquear, preparar churrascos, encilhar cavalos, apartar, tosar ou laçar animais. A suposta ligação com as lides do campo situa-se muito mais no âmbito formal do que propriamente na vivência cotidiana dos tradicionalistas. Ressalto que durante toda a realização do trabalho de campo nunca tive a oportunidade de comprovar as habilidades masculinas de tosar, encilhar ou laçar animais. Muitos freqüentadores dos CTG não sabem sequer montar num cavalo.

É bastante significativo o fato de o primeiro Centro de Tradições Gaúchas ter sido estabelecido em Porto Alegre. O 35CTG[4] foi fundado em 1948 e serviu de modelo para a criação de outras entidades tradicionalistas. Seus fundadores eram estudantes secundaristas, vindos do interior do estado do Rio Grande do Sul, objetivando a conclusão de seus estudos na capital. Os precursores do tradicionalismo, embora cultuassem valores ligados ao latifúndio, não tinham necessariamente origem na oligarquia rural evidenciando que "desde o seu começo o MTG é um movimento urbano que procura recuperar os valores rurais do passado" (OLIVEN 1992, p. 76).

Os idealizadores do 35CTG, inserindo-se em uma época em que era valorizado mais do que nunca a identificação com traços da modernidade, dizem ter inventado o tradicionalismo como uma reação ao processo de modernização, uma solução diante da invasão de novos hábitos e idéias. O MTG, na perspectiva de seus mentores, seria um "retorno moral aos tempos dantes", o "resgate do passado e da esperança perdida". Em 1954, Barbosa Lessa dissertava sobre o valor e o sentido do Movimento:

> A cultura e a sociedade ocidental estão sofrendo um assustador processo de desintegração (...). É nos grandes centros urbanos que esse fenômeno se desenha mais nítido (...). Mestres da moderna Sociologia chegaram à conclusão de que problemas sociais da atualidade são causados, ou incentivados, pelo relaxamento do controle dos costumes e das noções tradicionais de cada cultura (BARBOSA LESSA, 1976, p. 4).

---

3. Entidade que congrega e orienta as atividades dos CTGs de Brasília, Goiás, Oeste Baiano e algumas localidades de Minas Gerais.
4. A denominação faz referência à Revolução Farroupilha iniciada no ano de 1835.

Na década de 1950, o "campo" significava um assunto perigoso numa cidade como Porto Alegre que encarnava cada vez mais os ideais da modernidade e da industrialização. Um passeio de *pilcha*[5] pelas ruas da capital gaúcha poderia ser motivo de chacota entre os transeuntes. Se por um lado a ruralidade representava o perigo e a impureza, começavam a se organizar iniciativas que procuravam (re)inventar tais significações. Em seus vários anos de existência, o MTG, como um movimento cultural, propôs-se a reformular a imagem negativa do rural por meio da exaltação, do culto e quiçá da militância em prol das tradições existentes na Campanha Gaúcha. A valorização do rural ocorre pela desvalorização da cidade. Conforme podemos inferir do relato de Barbosa Lessa, citado no parágrafo anterior, ao meio urbano agrega-se uma série de "ausências": falta de solidariedade, falta de sentido de grupo ou comunidade, descaracterização dos costumes... O rural representa tudo aquilo que o urbano não é. É criada a imagem do "Bom rural". E no caso do tradicionalismo, muitos elementos dessa imagem são transformados em referenciais para a identificação do povo gaúcho, como veremos adiante.

O tradicionalismo gaúcho não é um exemplo isolado da valorização de tradições rurais no contexto urbano brasileiro. Referindo-se às construções de imagens acerca do Sertão, Sidney Pimentel (1997) analisa o delineamento de novas idéias sobre a ruralidade. O Sertão que representava o lugar habitado pelos indígenas, bandoleiros e feras, começa a ser valorizado, principalmente a partir da década de 1950, por intermédio da desqualificação da cidade – a mesma estratégia utilizada nos CTG. Novos campos discursivos introduzem mudanças no significado e no valor atribuído ao Sertão. As Festas do Peão de Boiadeiros são exemplos atuais da reconstrução da imagem do rural por meio do "confronto com o oeste norte-americano e suas resignificações" (op. cit. p. 17).

O tradicionalismo gaúcho é uma das iniciativas pioneiras da recriação de tradições identificadas com universos rurais em contextos urbanos. A positivação do rural assume proporção tal que, atualmente, o Rio Grande

---

5. As pilchas são os trajes utilizados pelos freqüentadores dos CTG. Os elementos típicos da indumentária masculina são as calças, denominadas bombachas, e diversos acessórios como cintos, botas de couro, lenços, chapéu, etc. O traje feminino é constituído por sapatos tipo "boneca" e longos vestidos, sem decotes, na maioria das vezes de mangas compridas e armados por muitas anáguas.

do Sul é reconhecido a partir de sua identificação com elementos típicos da região de Campanha. O passado, que teria ocorrido em uma parte do estado repleta de guerras e lutas e profundamente identificada com uma origem rural, é retomado pelo tradicionalismo como forma de construir e reforçar a criação de um tipo regional: o gaúcho.

Mesmo criticado por muitos sul-rio-grandenses que não querem ser identificados com os traços resgatados pelo MTG (cf. DACANAL, 1992; GOLIN, 1983), o tradicionalismo ocupa um espaço fundamental na criação de um estereótipo regional. O estado do Rio Grande do Sul é reconhecido a partir da figura do *gaúcho* como um tipo bravo, guerreiro e identificado com valores rurais. Tais classificações procuram estabelecer distinções e demarcar fronteiras.

> Quando se pretende comparar o Rio Grande do Sul ao resto do país, apontando diferenças e construindo uma identidade social, é quase inevitável que este processo lance mão do passado rural do estado e da figura do gaúcho, por serem estes os elementos emblemáticos que permitem ser utilizados como sinais distintivos (OLIVEN, 1992, p. 128).

Embora o MTG não controle todas as expressões culturais do Rio Grande do Sul, seu crescimento e raio de influência são representativos. Relembrando Ruben Oliven, o MTG possui intelectuais que produzem escritos e que ocupam posições importantes. No estado gaúcho, os tradicionalistas são constantemente nomeados para cargos públicos, principalmente em áreas culturais. Leis estaduais são criadas visando à propagação do tradicionalismo: em 1966, uma lei oficializa o hino farroupilha como o hino do Rio Grande do Sul; em 1988, uma lei institui o ensino do folclore tradicionalista nas escolas estaduais; e em 1989, a pilcha é oficializada como o traje de honra do estado (OLIVEN, 1992, p. 86).

O resgate da tradição e sua utilização como um ícone do regionalismo gaúcho não se faz independente de um processo criativo em que novas idéias vão sendo mescladas a velhos elementos. Os tradicionalistas não apenas acionam traços culturais identificados com o contexto rural e com o passado em um contexto atual e urbano, como também, inventam a tradição (cf. HOBSBAWN, 1997). Esse processo inventivo e criativo que mistura "tradicional" e "moderno" será o assunto das próximas páginas.

Campeando por outras invernadas: os tradicionalistas em Brasília

Na "Página do Gaúcho",[6] um dos vários endereços na internet dedicado à divulgação do MTG, são catalogados inúmeros CTG distribuídos em praticamente todas as regiões do Brasil e em países como Estados Unidos, Paraguai, Portugal, Holanda e Japão. Os Centros de Tradições Gaúchas propagam-se para além do Rio Grande do Sul, ultrapassando fronteiras regionais e nacionais.

A presença dos gaúchos no Planalto Central é bastante significativa. Existem cidades no interior de Goiás, cujas populações são formadas basicamente por gaúchos, principalmente aqueles que migraram em busca de terras para plantações. Na capital do país, com exceção daquelas pessoas localizadas na área do Programa de Assentamento Dirigido (PAD/DF),[7] a principal atividade econômica dos migrantes gaúchos não é a atividade agrícola. Muitos vieram transferidos em função de cargos públicos ou para cumprimento de obrigações militares. Nesse universo estão inseridos os freqüentadores das principais entidades tradicionalistas localizadas em Brasília. A seguir, reproduzo trecho de uma entrevista realizada com um membro de um CTG da capital federal:

> O *patrão* é militar, ele mora aqui no Setor Militar Urbano. O *capataz-geral* é militar da reserva, a gente mora na Asa Norte. O *capataz*, militar [risos]
> É um exército então? [pesquisadora]
> O *sota-capataz*, militar, trabalha aqui no Hospital das Forças Armadas. O *primeiro agregado da guaiaca, o segundo agregado, o agregado das leis, agregado das falas*, todos militares...

Atualmente, no Distrito Federal, existem quatro CTG em atividade, distribuídos em diferentes localidades: um na região rural do PAD/DF; outro na cidade satélite de Sobradinho; e duas entidades em Brasília. Este artigo

6. Os dados estão disponíveis na seguinte fonte eletrônica: www.paginadogaucho.com.br.

7. Programa implantado em 1977, visando o incentivo da produção agrícola no DF. Para maiores informações ver FONSECA, R. *Nós os Gaúchos do PAD/DF*. 1993. Dissertação. Departamento de Antropologia, UnB, 1993.

enfocará principalmente a dinâmica ritual de um CTG localizado em Brasília, onde foi realizada boa parte da etnografia. A escolha deve-se a algumas razões que dizem respeito à localização e à visibilidade da entidade no cenário da capital federal. A instituição está situada em uma área "nobre", próxima ao mais novo cartão-postal da cidade: a monumental "Ponte JK" que dá acesso a uma das áreas mais valorizadas da capital federal, o Lago Sul. Por apresentar uma localização central, entre a Esplanada dos Ministérios e o Lago Sul, o CTG consegue reunir em alguns de seus eventos um número significativo de pessoas.

O espaço ocupado pelo CTG é enorme. O *Galpão* é o principal lugar no qual são realizados vários dos eventos promovidos pela entidade. É formado por um gigantesco salão forrado com um ótimo piso e coberto por um novíssimo teto de "PVC" (Poli Cloreto de Vinila). No *Galpão*, existem confortáveis banheiros, churrasqueiras, bar, cozinha, salas para a *patronagem*, palco fixo e um local destinado aos jogos de bocha.[8] O espaço também conta com um segundo pavimento que se converte numa alternativa para acomodar o público nos eventos de grande proporção. A área externa é bastante extensa, comportando uma casa para o caseiro; churrasqueiras; um pequeno *galpão* improvisado e um amplo estacionamento.

O CTG tem aproximadamente duzentos componentes, inseridos na categoria *sócios*. Na categoria, estão todos aqueles que contribuem com mensalidades. Eles podem ou não freqüentar o espaço assiduamente. Ser sócio significa não somente contribuir com o CTG, como também gozar de alguns benefícios: descontos em almoços, jantares e bailes promovidos pela entidade.

O CTG é dirigido por uma diretoria que se renova de dois em dois anos. A comissão é eleita pelos sócios que estejam em dia com as mensalidades. A diretoria, ou melhor, a *patronagem* está estruturada nos seguintes cargos: *patrão*, ou seja, o presidente; *capataz geral*, o administrador; *capataz*, suplente do administrador; *primeiro sota capataz*, primeiro secretário; *segundo sota capataz*, segundo secretário; primeiro *agregado da guaiaca*, tesoureiro; e o segundo *agregado da guaiaca*, suplente

8. Segundo Augusto Meyer, o termo bocha corresponde ao italiano "boccia", bola de jogar de madeira. O jogo foi transmitido por imigrantes italianos no Brasil, tornando-se muito popular no Rio Grande do Sul (MEYER, 1975, p. 46).

do tesoureiro. A *patronagem* também é composta por alguns cargos de confiança: *agregado das leis*, uma espécie de advogado do CTG; *agregado da informática*, incumbido do funcionamento e atualização do *site* do CTG na internet; *posteiro campeiro*, responsável pelas competições do CTG nos Rodeios Gaúchos; e o *posteiro galponeiro*, encarregado da manutenção e administração do *Galpão*. Fazer parte da diretoria significa dedicar uma boa parte de seu tempo livre ao CTG. Normalmente, essas pessoas passam todos os finais de semana e algumas noites da semana em reuniões, eventos e discussões na entidade.

Em um CTG, a criação de toda a ambientação "especial", cuja utilização dos termos referidos no parágrafo anterior é apenas um exemplo, pode fazer com que em algumas situações até mesmo o pesquisador se sinta como um "peixe fora d'água". Assim foi meu primeiro contato com os gaúchos tradicionalistas, por ocasião do XI Festival Regional de Arte e Tradição Gaúcha do Planalto Central, conhecido como *Rodeio Gaúcho*.

O Rodeio Gaúcho, promovido pela Federação Gaúcha do Planalto Central, acontece anualmente e marca o encerramento das festividades do ano. Em 2003, Brasília foi sede do Festival. Os CTG participantes vieram de localidades de Minas Gerais, Oeste Baiano, Goiás e Distrito Federal. Participaram do evento cerca de dez CTG. Seus representantes ficaram um final de semana acampados no Parque de Exposições de Brasília, localizado na Granja do Torto. Durante esse período ocorreram campeonatos de dança, poesia, música, etc. Os competidores estavam distribuídos em várias categorias: infantil, juvenil, adulto e *xirú*. O evento era antes de tudo um campeonato entre os CTG, com torcidas frenéticas empunhando fitas, bandeiras, bexigas, apitos, cornetas e bumbos. Os competidores tinham os nervos à flor da pele, ouvia-se com grande freqüência: "Minhas pernas não param de tremer. Que frio na barriga!", e quase todos faziam o sinal da cruz antes de suas apresentações.

Em 2002, no mesmo espaço onde foi realizado o Rodeio Gaúcho, presenciei um encontro de Folias de Reis do Distrito Federal e do Entorno. Assim como os tradicionalistas gaúchos, os foliões de Reis acamparam no Parque de Exposições durante um fim de semana de muita música, dança e comida. Os dois eventos eram bastante semelhantes, a não ser por uma diferença gritante. O público que prestigiou o Encontro de Folias era muito variado: pessoas que moravam por ali perto, famílias que se deslocaram do

Plano Piloto com a justificativa de que gostavam "daquilo", jornalistas e muitos estudantes universitários. No Rodeio Gaúcho, as pessoas que circulavam pelo ambiente eram representantes dos CTG e estavam todas *pilchadas*. Sem pilcha, apenas eu e um rapaz com cabelo "rastafari" que operava o som. Duas perguntas me surgiram na época: será que tais manifestações apresentam menor identidade com o público brasiliense? Tais manifestações são eventos fechados, acessíveis apenas àqueles que deles participam?

Tentando achar respostas para as minhas inquietações, resolvi visitar uma entidade tradicionalista. E ao entrar pela primeira vez em um CTG na capital federal tive um sentimento dúbio em relação a uma placa afixada na entrada do *Galpão* com os seguintes dizeres: "Ao entrares neste galpão, pendura no cabide de tua humildade, as tuas diferenças e preconceitos e se mesmo assim preservares algum orgulho que este seja o de ser gaúcho". Estava sendo saudada ou advertida?

De fato, nem todos os eventos realizados pelos CTG são acessíveis apenas àqueles que realmente estejam inseridos nas causas tradicionalistas. O público que participa dos eventos da entidade é bastante variado, pelo menos em algumas situações. Muitos "não gaúchos" freqüentam o CTG, na condição de visitantes ou de convidados. É possível perceber também pessoas pilchadas que não tenham necessariamente nascido no Rio do Grande do Sul. Não estou me referindo apenas aos descendentes dos migrantes aqui instalados, mas sim a cariocas, paulistas ou goianas que se pilcham para acompanhar seus maridos gaúchos nos eventos tradicionalistas.

Rogério Haesbaert da Costa (1997) chama atenção para a presença cada vez maior de não gaúchos nos CTG, principalmente aqueles localizados fora do estado do Rio Grande do Sul. Segundo o autor, mesmo não sendo sulistas, essas pessoas identificadas com valores da classe média ajustam-se ao ambiente dos CTG. Exemplificando a questão, Costa pontua a existência de CTG em Mato Grosso, dirigidos por mineiros; e a presença significativa de paulistas e nordestinos em CTG localizados em cidades do interior de São Paulo (op. cit., p. 89). Da mesma forma, Bernadete Beserra (1998) em sua análise sobre CTGs nos EUA, detecta a presença de diferentes nacionalidades, principalmente latinas, fazendo parte do quadro de componentes das entidades tradicionalistas.

No contexto do CTG estudado em Brasília, a presença de não gaúchos diante do universo dos gaúchos é pequena. Todavia, acredito que as motivações que levam mineiros, goianos, paulistas ou guatemaltecos aos CTG, são as mesmas que levam os gaúchos depois de muito tempo vivendo fora de seus contextos originais a permanecerem nessas entidades. Tais questões dizem respeito às estratégias de adaptação em contextos migratórios, mas se referem principalmente ao fato de serem os CTG lugares propícios à experiência da comunidade.

Enfatizar essa dimensão não é negar que todas as práticas fomentadas nos CTG giram em torno de fatos considerados por seus promotores como tradicionais do Rio Grande do Sul. E, sem dúvida alguma, os eventos realizados nos CTG do Distrito Federal são modos de reunir algumas pessoas que se deslocaram do Sul para o Planalto Central. Reunidos eles falam em nome da tradição gaúcha e a representam perante os outros.

No Galpão: símbolos, homens e pompa

São vários os eventos destinados à divulgação do tradicionalismo: comemorações da *Semana Farroupilha*, eventos semanais da *Sexta-Nativa*, banquetes mensais por ocasião do *Costelão* e as criativas *Missas Crioulas*. Além dos eventos citados, existem outras "invenções" que procuram caracterizar de forma especial o ambiente do CTG. Refiro-me a determinados objetos que dão certo tom de "especialidade" ao espaço.

Ao entrarmos no CTG, temos a sensação de que o cenário para a realização dos ritos está permanentemente montado. Logo na entrada da entidade, vemos a bandeira do estado do Rio Grande do Sul. Dentro do prédio, logotipos do CTG; quadros com gravuras de cavalos, laços, arreios e chimarrão; avisos com a programação de eventos culturais; fotografias de *prendas* e *ex-patrões*, estantes repletas de troféus adquiridos em campeonatos nacionais e regionais de poesia, de dança e bocha.

O processo de construção social da imagem de um CTG e de seus participantes envolve a utilização de uma série de objetos como bandeiras, logotipos, placas, troféus e galerias de fotos. Fazendo uso das palavras de Pierre Bourdieu (1989), coisas, emblemas e bandeiras – "representações

objetais" – são utilizados nas lutas "... pelo monopólio de fazer ver e fazer crer, de dar a conhecer e de fazer reconhecer" (p. 113). A todo o momento, os freqüentadores do CTG lutam pela visualização, comprovação, conhecimento e reconhecimento de uma imagem. Ao evocar representações objetais, notamos a necessidade de diferenciar o espaço e seus freqüentadores. Ao escolherem objetos e transformá-los em símbolos, esses gaúchos estabelecem fronteiras, limites e identidades. A demarcação da diferença é feita pela invenção de símbolos e pela sua utilização numa narrativa ritual extremamente rica, dinâmica e variada.

Semanalmente, são realizadas as *Sextas Nativas*. Os eventos acontecem todas as sextas-feiras no *Galpão*. A *Sexta Nativa* é um momento para reforçar os laços entre os freqüentadores do CTG. O público é composto por freqüentadores e freqüentadoras da entidade. O evento começa por volta das vinte e uma horas. É servido um jantar, cujo prato principal é o arroz carreteiro. O evento conta também com música ao vivo, onde são cantadas músicas gauchescas, executadas e dançadas por membros do CTG. As pessoas comem, cantam e dançam.

As danças são várias. Existem aquelas dançadas individualmente e as dançadas em duplas. Essas pessoas, performando um passo de dança, comunicam e transmitem mensagens. A partir da dança podemos perceber alguns meandros da cultura tradicionalista. Comecemos pelo papel assumido pelos homens na execução dos ritos.

Ao assistir uma *performance* de dança num CTG, notamos claramente a diferenciação de papéis entre homens e mulheres. A mulher só dança com seu par, ou seja, ela dança como acompanhante do homem. Seus movimentos são limitados e exigem menos habilidade e destreza físicas. Ao contrário, o repertório masculino é amplo. O homem pode dançar como acompanhante da mulher nas danças em pares ou pode dançar individualmente numa espécie de confronto com um outro. Eles dançam a *chula* e a *dança de facões*, esta realizada com grandes facas que chegam a soltar faíscas quando se tocam. São nessas danças individuais que vamos nos deter agora, em especial, na chula.

A chula é uma dança eminentemente masculina. Em cada apresentação de chula existem dois dançarinos que dançam simulando uma disputa. Durante a apresentação, os dançarinos mantêm entre si o contato visual, provocando

seu adversário por meio de expressões faciais e gestos com a mão sugerindo desafio. As *performances* são individuais. Cada dançarino dança ao seu tempo. O acompanhamento musical é feito por um violão e uma gaita. O andamento melódico pode ser lento ou mais agitado, conforme a coreografia apresentada.

A coreografia é executada sobre uma lança que não pode em momento algum ser tocada pelos dançarinos. A dança varia de passos mais simples aos mais complexos, como dançar nas pontas dos pés ou com os joelhos, cambalhotas, saltos, etc. Dançar a chula exige destreza, equilíbrio, condicionamento físico e uma postura corporal específica. Tais habilidades podem impressionar os espectadores. A própria pesquisadora não pode esconder seu "espanto" ao assistir pela primeira vez uma apresentação de chula, por ocasião de um Rodeio Gaúcho em Brasília, já citado anteriormente. E por causa dessa emoção, utilizando o linguajar tradicionalista eu quase me *soltei porteira afora*. Como tenho um gosto especial pela dança, me deixei levar pela tamanha habilidade de um dançarino. Seus movimentos eram precisos e suas acrobacias perfeitas. Absorvida pelo momento, ao final da apresentação, sem pestanejar, bati palmas de modo eufórico. Quando olho ao redor, estava literalmente dentro da torcida do adversário do dançarino que tanto me empolgava. De repente, me senti como um *colorado* que, por engano, num domingo de *Grenal* comemora um gol no meio da torcida do Grêmio.

Emoções à parte, imagens estão sendo construídas e comunicadas no momento da dança pelo modo como a coreografia é executada. Altivez seria a palavra certa para descrever a postura corporal dos dançarinos. O corpo está completamente ereto e o peito projetado para frente. Dos pés, passando pelo olhar até o alto da cabeça, o movimento é ascendente. A dança encena um dos valores máximos de seus executores. A chula é uma encenação da masculinidade e do caráter fogoso e bravio do *homem gaúcho*.

Nos ritos, os homens recebem cuidados especiais e parecem estar no centro das atenções. Eles usam bombachas,[9] camisas de mangas compridas brancas, lenços amarrados ao pescoço, cintos e botas de couro. Além desses

9. "Calções muito folgados, apertados nos tornozelos por botões e enfeitados nas costuras laterais com pregueados variados" (MEYER, 1975, p. 143). Alguns pesquisadores afirmam que a vestimenta foi introduzida no Rio Grande do Sul pelo mercantilismo inglês, que não fornecera seus "pantalones", fabricados para o exército turco, em razão do término antecipado da Guerra da Criméia (cf. COSTA, 1988; GOLIN, 1983).

itens básicos, a vestimenta masculina é composta por vários acessórios: faixas, esporas, manta, chapéu com barbicacho, faca, etc. Os acessórios não se fazem presentes na composição da vestimenta feminina. Fazem parte do traje, longos vestidos em cores discretas e armados por inúmeras anáguas. A participação feminina tanto na dança, como no uso de uma indumentária especial, é "modesta" quando comparada aos passos expansivos e a parafernália usada pelos homens em seus trajes.

Outro exemplo do papel de destaque assumido pelos homens refere-se às comemorações da *Semana Farroupilha*. A *Semana Farroupilha* é comemorada em todos os CTGs do Brasil e do mundo. Os dias festivos relembram a Revolução Farroupilha. No Rio Grande do Sul, durante o período das comemorações – entre os dias 14 e 20 de setembro – muitos tradicionalistas vão para o trabalho e passeiam pelas ruas pilchados; lojas, boutiques e demais casas comerciais ornamentam suas vitrines com arreios, laços, chimarrões e outras marcas da cultura material do tradicionalismo (TEIXEIRA, 1988, p. 61). Em Brasília, a *Semana Farroupilha* é celebrada com uma série de eventos e coroada com uma suntuosa *Cavalgada* pela Esplanada dos Ministérios.

A *Cavalgada* reúne cerca de quarenta homens pilchados que desfilam carregando bandeiras do CTG, do Rio Grande do Sul e do Brasil pelas principais ruas de Brasília. O desfile percorre o Eixo Monumental, passa pela Esplanada dos Ministérios e finaliza na sede do CTG. Poucas mulheres aventuram-se na cavalgada, no entanto, algumas *prendas* acompanham o cortejo na carroceria de um caminhão. Lembrando aqui que prendas não são objetos oferecidos a alguém como dádiva ou presente, mas sim mulheres com longos vestidos de mangas compridas, que suportam o sol abrasador do meio dia no Planalto Central.

Ao chegarem ao CTG, os participantes do cortejo são recebidos com uma queima de fogos de artifício e aplausos. Os cavaleiros apeiam, tiram o chapéu, rezam um Padre Nosso para, enfim, hastearem a bandeira do Brasil e do Rio Grande do Sul na entrada do *Galpão*, aos gritos de vivas e chapéus jogados para o alto. O final da cavalgada é celebrado com um apetitoso churrasco, muita música e danças típicas.

A *Cavalgada* tem um caráter de exibição e de suntuosidade, refletidos principalmente em alguns elementos que compõem o evento. Os cavalos que participam do desfile são cedidos pela Cavalaria do Exército. Os animais

têm uma ótima aparência: gordos e com pelagens viçosas. A cavalgada acontece num dos lugares mais representativos de Brasília, a Esplanada dos Ministérios. Não é sem motivo que esse local foi escolhido. A Esplanada com seus monumentos e estátuas comemorativas, representa o centro do poder do país. Para completar o aspecto triunfal do evento, a comitiva é acompanhada por um veículo do Departamento de Trânsito (DETRAN), por uma viatura com a sirene soando do Corpo de Bombeiros, por um carro da Polícia Militar com muitas luzes acesas, além de um enorme caminhão da Cavalaria do Exército que serve para fazer o transporte dos animais. O ritual é planejado para que cause impacto: homens com uma indumentária especial desfilam pela Esplanada dos Ministérios, montados em belos cavalos, acompanhados pelas luzes dos bombeiros e da polícia militar.

A pompa é uma preocupação constante dos tradicionalistas durante a realização de seus rituais. Existe uma suntuosa etiqueta que prepara e prescreve os ritos. Nas danças, a execução das coreografias precisa ser perfeita. Para isso são realizados aos finais de semana ensaios que duram um dia inteiro. Quanto à indumentária, existem regras expostas em manuais e estatutos para garantir seu uso impecável e "correto". Em seguida, um excerto de um dos "Manuais Tradicionalistas" que versa sobre a vestimenta feminina:

> O vestido deverá ser, preferencialmente, de uma peça (...); Saia de armar: quantidade livre (sem exagero). (...) O vestido pode ser de tecido estampado ou liso, sendo facultado o uso de tecidos sintéticos com estamparia miúda ou 'peti-pois'; Vedado o decote; sapato com salto cinco, ou meio salto, que abotoe do lado de fora, por uma tira que passa sobre o peito do pé. (...) Facultado o uso de brincos de argola de metal. Vetado os de fantasia ou de plástico (...) É permitido o uso discreto de maquiagem facial, sem batons roxos, sombras coloridas, delineadores em demasia (...) Livre a criação de vestidos, quanto a cores, padrões e silhuetas, dentro dos parâmetros acima enumerados.[10]

É preciso deixar claro, tanto para os espectadores como para os fomentadores, que os rituais estão sendo realizados corretamente e solenemente. Os tradicionalistas gostam de dizer: "Tudo em um CTG é feito de forma genuína e autêntica". Quando algo parece fugir do "padrão" há quase que uma explicação científica para justificar e esclarecer o fato. Presenciei uma apresentação de chula em que os dançarinos seguiam um padrão na vestimenta: bombachas, camisas, botas e lenços. Apenas um

dançarino destoava dos outros, usando chapéu de palha em forma de cone e calça franjada sobre a qual estava amarrada uma espécie de saiote. Nos momentos em que o dançarino entrava em cena, o locutor do evento se apressava em dizer: "Para aqueles que estão achando estranho esse traje, vide Saint-Hilaire". Fornecendo ainda, a página e ano da obra para o público poder conferir em "casa".

A fala do locutor não é algo isolado no que se refere ao uso dos "documentos oficiais" para tornar genuína a tradição. Em muitos *sites* de CTGs podemos observar o resgate de dados históricos para compor a tradição. Recorre-se aos dados históricos e estudos científicos para criar, legitimar, comprovar e manter a tradição. Personagens importantes do MTG, os intelectuais do Movimento, utilizam teóricos das Ciências Humanas, apropriando-se até mesmo de termos como "invenção da tradição" para legitimar seus fazeres e saberes. Sem falar dos longos editais que ensinam como ser um tradicionalista. Em última instância, o tradicionalismo é uma tradição moderna e fundada principalmente na escrita.

Fazendo querência: festas que unem e mostram a diferença

Vimos que, no CTG, há um interesse especial pela invenção de símbolos e de um cerimonial executado de modo suntuoso e impecável. Existe a necessidade de se mostrar, de se exibir. Um dos momentos privilegiados dessa exibição em Brasília é o *Costelão*. O evento é famoso. Famoso porque para dele participar é preciso fazer uma reserva com uma semana de antecedência. O *Costelão* reúne um número bastante significativo de pessoas que não participam efetivamente da entidade. Fazendo reserva e pagando doze reais, qualquer um poderá saborear uma deliciosa costela assada na brasa. Foi o que eu fiz num desses domingos ensolarados de Brasília.

Chego ao CTG por volta das onze e meia, alguns carros já se encontram no amplo estacionamento. Encaminho-me para o *Galpão*. Algumas mesas estão na entrada, expondo mercadorias para a venda. Numa delas, facas e espetos de churrasco; em outras, bolsas de couro, bombas e cuias de

10. Estatuto do Regulamento de Prenda, disponível em meio eletrônico: www.fgpc.com.br.

chimarrão. Sigo para o local onde duas pessoas estavam responsáveis pela venda dos ingressos. Pago meu ingresso e ouço: "A sua mesa é a de número um. Aí lá vão ter outras pessoas. É uma mesa grande e lá você se entrosa". Um *peão* e uma *prenda* arrecadavam os ingressos na entrada do *Galpão*. Todas essas pessoas tinham um crachá com os dizeres: "Equipe do Costelão". A sensação ao entrar e ver aquela quantidade de mesas de tábuas e longos bancos de madeira lotando o salão foi a que um grande banquete comunitário me esperava – os organizadores do evento dizem que o espaço tem condições de abrigar mil e duzentas pessoas confortavelmente sentadas. "Puxo" conversa com um homem sentado em minha mesa. Ele não freqüenta o CTG, mas é gaúcho. Diz não perder um *Costelão*. Logo, chega mais um grupo. Não eram gaúchos, mas um deles era descendente de alemães. Uma longa conversa sobre a colonização alemã no Brasil tem início.

Normalmente, as pessoas vão em "bandos" para o *Costelão*. Explico: vão acompanhadas por grupos de amigos, colegas de trabalho ou pela família. Metade das mesas, que comportam cerca de vinte pessoas, é preenchida por indivíduos que mantêm alguma relação de parentesco ou de amizade entre si. A platéia do *Costelão* não é composta unicamente por gaúchos ou por pessoas que freqüentam o CTG. Grande parte dos presentes não é natural do estado do Rio Grande do Sul. No entanto, muitos estão ali porque foram convidados por gaúchos.

Afora as pessoas pilchadas, desfilam pelo salão homens com camisetas de times de futebol do Rio Grande do Sul ou com frases do tipo: "Nesse peito bate um coração gaúcho". Do início ao fim, o evento é preenchido com músicas tradicionalistas que lembram aos ouvintes: "Deus é gaúcho" ou "Patrão velho, muito obrigado, por este céu azul (...) por ter me feito gaúcho". As interrupções ficam por conta de um locutor que anuncia "presenças ilustres" como ex-*patrões*, antigos fundadores do CTG e políticos gaúchos como Pedro Simon e Olívio Dutra.

Às treze horas começam a chegar os "costelões". Cada costela pesa aproximadamente quinze quilos. Os espetos são trazidos e fincados em grandes toras de madeira, dispostas numa das extremidades das mesas. Quando as costelas são servidas, as pessoas correm para a carne e acontece um momentâneo alvoroço. Momentâneo porque a quantidade de carne é enorme e chega a sobrar. Ao fim do almoço as pessoas carregam as sobras em sacolas de plástico. Após a refeição, seguem-se apresentações de danças típicas.

Acredito ser o *Costelão*, o evento do CTG que mais se aproxima da dimensão de uma festa. A bibliografia sobre o assunto é bastante extensa. Alguns autores analisam as festas como momentos em que são gerados estados de efervescência; momentos em que as ordens sociais são de alguma forma transgredidas (cf. DURKEIM, 1996; DUVIGNAUD, 1983; MAFFESSOLI, 1985). Esses são alguns exemplos de definições "positivas" da festa, ou seja, são eventos que fazem, que dizem e que refletem mecanismos sociais. No entanto, quando as festas são realizadas em sociedades complexas, temos de lidar com a dimensão da heterogeneidade. A definição de festa ganha assim novos ingredientes.

Trago para o debate as idéias de Hermano Vianna sobre os bailes funks cariocas. Ao contrário dos autores citados anteriormente, os quais procuram sublinhar as funções positivas da festa, para Vianna os bailes funks não produzem identidades sólidas; não são locais propícios para a formação de novas amizades; nenhuma regra social é contestada; não são observadas inversões de papéis ou valores (VIANNA, 1988, p. 105). Os bailes são apenas mais uma opção de agrupamento e de lazer metropolitanos, onde existe sempre a opção para o indivíduo de mudar e de circular entre vários mundos (op. cit., p. 110). Os bailes são somente uma celebração da alegria. A festa é a afirmação inconseqüente e irresponsável de que a vida vale a pena ser vivida (op. cit., p. 108). Se os rituais realizados no CTG não têm a propriedade de criar identidades sólidas, capazes de contaminar as outras atividades do indivíduo, seja no ambiente familiar ou no trabalho, eles são acima de tudo grandes celebrações. As festas celebram a amizade e principalmente a alegria de ser gaúcho em Brasília. E, particularmente, o *Costelão* é a festa que representa o maior veículo de divulgação da entidade e que tem um grande poder de mobilização.

O *Costelão* ajuda a reunir e a diferenciar alguns presentes, ou melhor, seus realizadores. No momento em que as costelas são trazidas e os espetos fincados na madeira, parece que nos transportamos para os tempos dos grandes banquetes. Diante das costelas, homens desembainham suas facas e dilaceram a carne em grandes pedaços. Crianças saltitam pelo salão, degustando e brincando com os ossos das costelas. O *Costelão* é um ritual de comensalidade que confraterniza, mas que também marca diferenças. O banquete é um elemento importante no processo de construção social dos freqüentadores do CTG. Esses gaúchos apropriam-se da ênfase num determinado tipo de comida para se afirmarem como tais. Relembrando

Louis Dumont (1992), a classificação dos alimentos remete à classificação dos homens e às relações entre os grupos. São critérios que alguns grupos utilizam para se diferenciar uns dos outros (op. cit., p. 196). O que isso significa no contexto aqui analisado?

Em primeiro lugar, a alimentação nos domingos de *Costelão* adquire o valor do "comer junto". O ato de comer assume uma dimensão que se aproxima da idéia sugerida por Mikhail Bakhtin de banquete, quando da análise dessa imagem nas obras de Rabelais. O banquete está ligado ao sentido de festa (celebração), sendo muito diferente do comer e beber cotidianos, que fazem parte da existência de todos os indivíduos (BAKTHIN, 1996, p. 243). O banquete é um acontecimento social, cujo enredo principal é traduzido nas idéias de abundância e alegria. No *Costelão*, as pessoas conversam, dançam, cantam e se abraçam em meio a uma quantidade enorme de carne e bebida. Enfim, é uma comemoração que celebra a confraternização entre conterrâneos. Apesar de ser um banquete em que a presença não se reduz aos gaúchos, o evento contribui para uma espécie de coesão. O ato de comer junto comunica relações sociais e reforça laços de amizade.

O comer coletivo é um ato de sociabilidade que pressupõe uma afinidade entre os participantes (cf. DAMATTA, 1987). No *Costelão*, todos comem em longas mesas, dividindo assentos em que conhecidos se sentam ao lado de desconhecidos. A comida é servida na mesma hora para todos. O comer e o beber juntos têm uma função social. E mesmo que isso se faça entre desconhecidos, as refeições feitas em comum contribuem para a construção de uma idéia de comunidade.

Durante o banquete, gaúchos demonstram e afirmam sua naturalidade não somente por meio das pilchas, das camisetas e das canções, mas também pela própria avaliação do banquete pelos não-gaúchos. O alimento é amplamente aprovado e aceito pelos "convidados" que saem comentando: "Que delícia! É a melhor carne que já comi. Gaúcho sabe mesmo fazer um churrasco". Um saber específico é outorgado ao grupo: só os gaúchos sabem preparar um bom churrasco.

A valorização social de determinados alimentos já foi analisada por muitos autores, e a antropóloga Carmem Rial nos traz um exemplo bem interessante, voltado ao "contexto gaúcho". O caso ocorreu em 1990, por ocasião da escolha do sanduíche que faria parte do cardápio de um McDonald's recém-inaugurado em Porto Alegre. Tudo indicava que no *menu*, figurasse o hambúrguer simples, apresentado nos cardápios de todo o mundo

com 45 gramas de carne. No entanto, o proprietário local defendeu a criação de um hambúrguer com 112 gramas de carne, ou seja, 77 gramas a mais que os outros sanduíches da rede. "Nesta ocasião, a imprensa local sublinhou, com orgulho, a abdicação final do McDonald's frente às tradições dos pampas" (RIAL, 1997, p. 168). A passagem não ilustra apenas o gosto do gaúcho por carne vermelha. Ela nos permite pensar sobre o caráter simbólico de alguns pratos. O churrasco é um prato socialmente valorizado pelos gaúchos. E por seu papel simbólico particular pode ser pensado como um prato-totem: ele é o prato das festas, dos rituais; ele é um traço distintivo de uma identidade (op. cit., p. 169).

Ser detentor de um determinado tipo de saber é muito importante para os tradicionalistas. A todo o momento nos eventos realizados no CTG; seus realizadores tentam elaborar situações ou elementos que os diferenciem: o modo de preparar um prato, a vestimenta, as músicas que sempre enaltecem e glorificam o lugar onde nasceram...

Outra situação importante refere-se aos eventos de fala. Numa conversa informal com algum representante do CTG, a maneira como a voz é impostada e as palavras utilizadas são completamente diferentes de quando se fala para um público ou num evento importante. Em apresentações públicas, a entonação torna-se especial e o sotaque, carregado. Os termos utilizados e a forma como são pronunciados, reforçam ainda mais o "ser diferente". Em uma de minhas entrevistas, a entrevistada mostrava-se completamente descontente com o presidente da Federação dos Gaúchos no Planalto Central por dois motivos: pelo fato de não andar devidamente pilchado nos eventos e por não utilizar em sua fala *termos gauchescos*:

> Ele tava lá, presidente da Federação, falando no microfone, falando assim de alpargata, aquele chinelo, sem lenço, com uma camiseta, sem a camisa, sem o chapéu. Pra ele tanto faz, ele está bem daquele jeito. Então, já se perde um pouco, entendeu? Como eu vou te falar? Já se perde um pouco da tradição. Porque se hoje eu coloco uma blusa dessas [me aponta a camiseta que ela estava usando] com uma saia, já vai se perdendo, se perdendo, se perdendo. Aí chega uma hora que eu vou ser uma baiana ou uma gaúcha? Não sei! Então, a gente cultua muito o passado, essa coisa bem tradicional (...) Ele [presidente da Federação] não tinha esse zelo. Por exemplo, ele falou lá na frente: "Não vamos deixar a peteca cair". Gaúcho não fala nesses termos. Gaúcho vai falar: "Vamos segurar as rédeas do potro, vamos... vamos agradecer ao Patrão Celeste do Céu". Ele usa termos gauchescos para se expressar. Mas não porque é forçado, é porque é natural dele, entendeu?

Em eventos de fala, significados comunicativos assinalam que uma ação de expressão particular está sendo performada, ou seja, são modos de comunicação verbal (BAUMAN, 1986, p. 02). No universo dos tradicionalistas, a ação verbal corresponde ao reconhecimento do ser diferente diante dos que são diferentes e da unidade diante dos que são iguais. O "ser diferente" pela invenção da "tipicidade", capaz de comunicar a diferença, torna-se muito visível nas *Missas Crioulas*. As *Missas Crioulas* são reelaborações das missas católicas. Tais eventos são realizados em datas especiais, como nas comemorações do aniversário do CTG ou por ocasião das festividades da *Semana Farroupilha*.

As *Missas* ocorrem no *Galpão* principal do CTG. O cenário é organizado de modo especial. É montado um altar próximo ao palco, cadeiras são dispostas pelo salão para acomodar os "fiéis". Do lado direito do altar, uma cruz, um arreio, um chapéu e roupas típicas. Ao cenário, já previamente montado, durante a execução do ritual vão sendo incorporados outros elementos. No momento do Ofertório, são trazidos: bandeiras do Rio Grande do Sul e do CTG; um facão e uma garrucha; um pão caseiro e um chifre de boi, no qual o padre beberá o vinho. Quase todos os presentes, incluindo-se, o sacerdote, estão vestidos de forma especial, ou seja, com as pilchas.

Nas *Missas*, o acionamento dos termos gauchescos é uma estratégia muito comum. Deus é o *Patrão Celestial*, *Xirú Velho* ou *Patrão do Céu*, Jesus é o *Divino Tropeiro* e a Virgem Maria assume a posição de *Primeira Prenda do Céu*. Numa missa que tive a oportunidade de assistir, o padre, em comparação com a *performance* vocal do comentarista da missa, tinha um sotaque quase imperceptível. Durante todo o evento, o padre ficava com um "roteiro" nas mãos. E o roteiro era longo: quatorze páginas de falas e de cânticos, entoados ao som de uma gaita, violão e baixo. Em alguns momentos, ele parecia se esquecer de usar determinados termos e em vez de dizer: "Vamos agradecer ao Patrão lá de riba", dizia: "Vamos agradecer ao Patrão lá de cima". Mas, um instante após o esquecimento se apressava em corrigir: "Quero dizer, vamos agradecer ao Patrão lá de riba".

Dias depois do evento, ainda pensando nesses pequenos lapsos cometidos pelo sacerdote e inquieta com seu sotaque "diferente", fiz alguns comentários sobre a missa e fui informada de que ele não era gaúcho. Minha inquietação aumentou diante da revelação. Como um padre não sendo gaúcho e muito menos tradicionalista se dizia "mais faceiro que ganso novo em taipa de açude" e rezava:

> Patrão celestial, venho chegando, enquanto cevo o amargo das minhas confidências porque, ao romper da madrugada e ao descambar do sol, preciso camperear por outras invernadas e repontar do céu a força e a coragem para o entrevero do dia que passa. Eu bem sei que qualquer guasca, bem pilchado, de faca, rebenque e esporas, não se afirma nos arreios da vida, se não se estriba na proteção do céu (...) Perdoa-me, Senhor, porque, rengueando pelas canhadas da fraqueza humana, de quando em vez, quase sem querer eu me solto porteira a fora... Êta, potrilho chucro (....) Que a Tua vontade leve a minha de cabresto para todo o sempre até a querência do céu. Amém.

Quais seriam seus motivos? Por que estaria ali? Sua presença no *Galpão* seria em razão das redes de relações travadas entre ele e alguns freqüentadores do CTG. O que tornava a sua *performance* eficaz – mesmo não podendo se valer do uso de um sotaque especial – era o roteiro que tinha nas mãos. Apesar dos erros, o sacerdote mostrava-se atento em seguir corretamente o *script*. Os tradicionalistas não se preocupam apenas em criar um cenário especial para a ambientação de seus eventos, mas também em elaborar "documentos oficiais" que prescrevem as ações, garantindo a fluidez do rito.

Seja falando um linguajar específico, performando uma dança ou promovendo um banquete, os freqüentadores do CTG criam um ideal de unidade. Essas situações tornam-se assim, sinais diacríticos. Pela execução de uma série de eventos, os participantes do CTG vêem a possibilidade de angariar popularidade e de manter a entidade em atividade.

Missas Crioulas, *Sextas Nativas, Costelões* são tipos específicos de comunicação. São, por excelência, atos performáticos. São atos que traduzem ensaios disciplinados de atitudes consideradas pelos seus executores como corretas (TAMBIAH, 1985, p. 132). São lutas por representações de imagens. São momentos em que processos de identificação são construídos, manipulados e afirmados. Nos Centros de Tradições Gaúchas, os gaúchos por meio de seus ritos, imaginam e simulam a si mesmos.

Charla final: experiência comunitária e inovações culturais

Nas sociedades urbanas, as experiências comunitárias são proporcionadas em função de uma série de motivos ou interesses: religiosos, esportivos, ocupacionais, etc. A vivência de fatos considerados tradicionais também pode fornecer a vinculação do indivíduo a unidades coletivas. Na atualidade, o resgate das tradições feito por alguns grupos ou segmentos sociais parece ganhar representatividade. Conforme mostra Travassos (2004), a recriação de folguedos tradicionais é um fenômeno de visibilidade na cena urbana contemporânea, principalmente entre jovens artistas e estudantes. Garcia (2004) também ressalta a receptividade e a valorização de fatos tradicionais por habitantes dos grandes centros, sugerindo que tais experiências podem ser entendidas "como uma necessidade dos indivíduos em extrapolar a repetição cotidiana, transgredir convenções e mergulhar em suas raízes culturais na intenção de subverter, por alguns momentos, a ordem pré-estabelecida" (p. 126).

Em todos esses processos de resgates e recriações, é possível perceber que ao acionar o discurso da tradição, imagens são construídas, expostas e reconhecidas. Refiro-me aos jogos de intenções por meio dos quais a tradição é resgatada. No âmbito da recriação das tradições empreendidas pelos tradicionalistas gaúchos, algumas questões interessantes se impõem. O tradicionalismo gaúcho, conforme sugere Oliven (1992), é um caso de regionalismo bem-sucedido. Manifestações tradicionais profundamente identificadas com uma origem rural são retomadas como sinais diacríticos na construção de um tipo regional, o gaúcho. O segundo elemento liga-se ao fato de serem os CTGs espaços privilegiados para a tessitura de redes sociais. Esse fato talvez possa explicar a significativa propagação das entidades tradicionalistas por diferentes estados brasileiros. E, finalmente, o terceiro aspecto a ser considerado refere-se à forma como os tradicionalistas lidam com a dinâmica entre tradição-modernidade.

O MTG é contraditório, por ser um movimento moderno que se propõe tradicional (cf. OLIVEN, 2004, p. 50). A valorização do rural e do

passado surge num contexto em que o perigo advém da idéia de modernização. Os tradicionalistas elaboram uma visão catastrófica acerca do mundo atual. A idéia de tradição aproxima essas pessoas de um tempo e de um espaço considerado benigno e passível de ser revivido nos Centros de Tradições por meio do resgate da "vivência tradicional".

O ambiente no qual o tradicionalismo surgiu foi o da modernidade. O CTG funciona num universo moderno, agenciado por pessoas que se pretendem construir como tradicionais. O grande desafio dos tradicionalistas é o de tentar construir uma autenticidade, pensada basicamente a partir da idéia de antiguidade (fatos autênticos são aqueles do passado) para fatos culturais que datam de um tempo bem recente. Nem todas as práticas dos tradicionalistas estão associadas originalmente à noção de antiguidade, criação coletiva e oralidade. Muitos dos seus rituais são criações de idealizadores urbanos e letrados inseridos no MTG. As criações têm autoria e estão cercadas por todo um aparato burocrático de atas, registros e manuais que ditam o como fazer.

O tradicional atualizado nos CTGs é recente e "novo". Para tornar autêntica essa "novidade", os tradicionalistas utilizam vários recursos. Um deles é o de fixar a tradição em documentos. A criação da imagem de autenticidade para suas práticas culturais tem como mecanismo privilegiado o uso da escrita. É na fixação do passado – simulado ou não – em documentos que eles encontram o relato verdadeiro. Há um controle rígido sobre essas formas fixadas em documentos oficiais. Existem livros que ensinam a ser tradicionalista. E tudo o que não foi previsto nos registros é tido como aberrações ou descaracterizações da tradição.

Por ser uma tradição escrita, o tradicionalismo fixa um passado (cf. GOODY, 1968). A fixação da tradição em atas, leis ou estatutos garante uma legitimidade reconhecida e respeitada pelos seus participantes. O caráter oficial da tradição possibilita a apreensão de suas práticas culturais não como uma mera invenção que começou a ser encenada com um grupo de estudantes na cidade de Porto Alegre, mas como uma representação autêntica de todo o povo gaúcho. Os tradicionalistas fazem uso de todo um código moderno e burocrático para praticarem e legitimarem seus fatos culturais. Ao mesmo

tempo em que enfatizam resgatar no CTG traços de uma cultura do passado, lidam o tempo todo com tecnologias que dão visibilidade ao grupo, como o uso de modernos *sites* na internet para a divulgação de seus eventos. O projeto de promoção de manifestações tidas como tradicionais e antigas, é elaborado, vivenciado e viabilizado por códigos modernos: tecnologias, burocracia, registros escritos, etc.

Segundo Marcel Mauss (1979) todas as tradições são criadas de *propósito, ou seja, são fatos conscientes*, consistem no saber que uma sociedade tem de si mesma e de seu passado e resultam de necessidades da vida em comum (p. 201). É o que podemos observar no universo do tradicionalismo gaúcho. As tradições são criadas e recriadas de acordo com as intenções de seus promotores. Há um processo seletivo e inventivo da tradição. Em outras palavras, eles escolhem o que querem resgatar. Utilizando formas modernas tanto na divulgação como na manutenção da tradição, os tradicionalistas resgatam aspectos de um passado idealizado e inventado, e transformam todo esse tempo em representante legítimo e autêntico do povo gaúcho.

Além de expressar um regionalismo, a partir da atualização e invenção de fatos tradicionais, os tradicionalistas são construtores de *posicionamentos* no tempo e no espaço. Inovando a tradição, navegam num fluxo constante e ininterrupto entre o urbano e o rural, o presente e o passado, o moderno e o tradicional.

São por esses caminhos, marcados por inúmeros fluxos, que os tradicionalistas resgatam e promovem suas práticas culturais. As inovações culturais atribuem sentido aos "modos de fazer" dos tradicionalistas. Elas sinalizam práticas sociais por meio das quais são construídas imagens acerca do tradicionalismo e do gaúcho. A experiência de viver e inventar o tradicional funciona como sinal diacrítico para a construção do grupo e de uma regionalidade e fornece também a experiência da comunidade. As inovações culturais sinalizam a formação de unidades coletivas. Identificadas a partir do resgate de fatos tradicionais, essas entidades agregam pessoas e fornecem o sentimento de pertença a um agrupamento social.

Os CTGs são tipos privilegiados de interação social. São agrupamentos em que a idéia de tradição cultural emerge como uma estratégia de adaptação à modernidade e de sobrevivência social por meio da formação de redes. Em tais espaços são construídas maneiras de localização e inserção na cidade e formas específicas de sociabilidade no meio urbano baseadas na amizade e afetividade. As manifestações culturais resgatadas nessas entidades expressam sentimentos que permitem aos seus fomentadores inserirem-se em esferas privilegiadas de interação humana.

Estando juntos, os tradicionalistas inovam tradições; localizam-se no cenário urbano; elaboram jogos de intenções e comunicam imagens. *Campeando por outras invernadas*, os tradicionalistas gaúchos do Planalto Central encontram no repertório da tradição elementos para a construção de práticas, representações e interações sociais. Nos seus Centros de Tradições celebram o sentido de pertencer a um grupo, criando um ideal de unidade, por mais fugaz e efêmera que esta possa ser.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. 1996. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. São Paulo: HUCITEC; Brasília: EDUnB.

BARBOSA LESSA, Luiz Carlos. 1976. *O sentido e o valor do tradicionalismo*. Porto Alegre: SAMRIG.

BAUMAN, Richard. 1986. *Story, performance, and event*: contextual studies of oral narrative. Cambrigde: Cambrigde University Press.

BESERRA, Bernadete. 1998. Keeping the flame. *Brazil Magazine*. Disponível em: <http://www.brazzil.com/content/view/8295/75/>. Acesso em: 2 dez. 2004.

BOURDIEU, Pierre. 1989. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil; Lisboa: DIFEL.

COSTA, Rogério Haesbaert. 1988. *RS*: latifúndio e identidade regional. Porto Alegre: Mercado Aberto.

______. 1997. *Des-territorialização e identidade*: a rede gaúcha no nordeste. Niterói: EDUFF.

DACANAL, José Hildebrando. 1992. Origem e função dos CTGs. In: GONZAGA, Sergius; FISCHER, Luís Augusto (Orgs.). *Nós, os gaúchos*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS.

DaMATTA, Roberto. 1987. Sobre o simbolismo da comida no Brasil. *Correio da Unesco*, ano 15, n. 7, julho de 1987.

DUMONT, Louis. 1992. Regras relativas ao contato e ao alimento. *Homo Hierarchicus*. São Paulo: EdUSP.

DURKHEIM, Emile. 1996. *As formas elementares da vida religiosa*: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Martins Fontes.

DUVIGNAUD, Jean. 1983. *Festas e civilizações*. Fortaleza: Tempo Brasileiro e EdUFC.

FEDERAÇÃO GAÚCHA DO PLANALTO CENTRAL. *Regulamento do Estatuto da FTG-PC*. Disponível em: <http://www.ftgpc.org.br>. Acesso em: 20 de novembro de 2004.

FONSECA, Regina. 1993. *Nós os Gaúchos do PAD/DF*: Identidade e ocupação territorial. Dissertação (Graduação em Ciências Sociais). Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, 1993.

GARCIA, Marcus Vinícius Carvalho. 2004. Um espaço para respiração. A cultura popular e os modernos citadinos. In: TEIXEIRA, João Gabriel L. C. et al. (Orgs.). *Patrimônio imaterial, performance cultural e (re)tradicionalização*. Brasília: ICS-UnB.

GOLIN, Tau. 1983. *A ideologia do gauchismo*. Porto Alegre: Tchê.

GOODY, Jack. 1968. Introduction. In: GOODY, Jack (Edit). *Literacy in tradicional societies*. Cambrigde: Cambrigde University Press.

HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence (Orgs.). 1997. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

MAFFESOLI, Michel. 1985. *À sombra de Dionísio*. Rio de Janeiro: Graal.

MAUSS, Marcel. 1979. Fenômenos gerais da vida intra-social. In: OLIVEIRA, Roberto Cardoso de (Org.). *Marcel Mauss*: antropologia. São Paulo: Ática.

MEYER, Augusto. 1975. *Guia do Folclore Gaúcho*. Rio de Janeiro: Presença/Instituto Nacional do Livro.

OLIVEN, Ruben George. 1992. *A parte e o todo*: a diversidade cultural no Brasil-Nação. Petrópolis: Vozes.

______. 2004. Um movimento de cultura popular, tradicional e moderno, conservador e progressista. Reunião Brasileira de Antropologia, 24, 2004, Olinda, *Programa e Resumos*. Olinda: ABA.

OSORIO, Patricia Silva. 2005. *Modernos e rústicos*: tradição, cantadores nordestinos e tradicionalistas gaúchos em Brasília. Tese de Doutorado em Antropologia Social – (Universidade de Brasília), 2005.

PESAVENTO, Sandra. 1982. *História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto.

PIMENTEL, Sidney Valadares. 1997. *O chão é o limite*: a festa do peão de boiadeiro e a domesticação do sertão. Goiânia: Editora da UFG.

RIAL, Carmem Silvia Moraes. 1997. Os fast-foods, uma homogeneidade contestável na globalização cultural. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 3, n. 5, p. 140-180.

SIMMEL, Georg. 1976. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar.

TAMBIAH, Stanley Jeyaraja. 1985. *Culture, thought and social action:* an anthropological perspective. London: Harvard University Press.

TEIXEIRA, Sérgio Alves. 1988. *Os recados da festa*. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore.

TRAVASSOS, Elizabeth. 2004. Recriações contemporâneas dos folguedos tradicionais: a *performance* como modo de conhecimento da cultura popular. In: TEIXEIRA, João Gabriel L. C. et al. (Orgs.). *Patrimônio imaterial, performance cultural e (re)tradicionalização*. Brasília: ICS-UnB.

VELHO, Gilberto. 2005. Unidade e fragmentação em sociedades complexas. In: SOUZA, Jessé,;ÖLZE, Berthold (Orgs.). *Simmel e a modernidade*. Brasília: EDUnB.

VIANNA, Hermano. 1988. *O mundo funk carioca*. Rio de Janeiro: Zahar.

Resumo

Este artigo aborda a dinâmica ritual de um Centro de Tradições Gaúchas (CTG) localizado em Brasília. Os fomentadores das práticas sociais estabelecidas nesse espaço se autodenominam *tradicionalistas gaúchos*. Além da tessitura de laços sociais, formas de convivência e reciprocidade em situações urbanas, os tradicionalistas gaúchos resgatam e atualizam manifestações culturais identificadas com seus contextos de origem. A partir de um relato etnográfico, o objetivo deste artigo é demonstrar de que forma a tradição é acionada, como é exibida e utilizada na construção de imagens acerca de um grupo urbano e de uma região.

Abstract

The present article describes the ritual dynamics of a *Centro de Tradições Gaúchas* (Center for Gaucho Traditions) located in Brasilia. The participants of the social activities practised in this place call themselves *tradicionalistas gaúchos* (gaucho traditionalists). The members, not only form social bonds and establish modes of familiarity and reciprocity in an urban context, but also revive and recreate cultural manifestations characteristic of their places of origin. Drawing on an ethnographical report, the purpose of this article is to show ways in which tradition is revived, exhibited and used to construct social representations of a group and a region.